

64 INTRODUÇÃO

Harriet Martineau chama a atenção para o **tratamento injusto das mulheres**, da classe trabalhadora e dos negros nos EUA e na Grã-Bretanha.



ENTRE OS ANOS 1830 E 1840

Karl Marx e Friedrich Engels convocam uma **revolução socialista** em *O manifesto comunista*.



1848

Max Weber defende que os grupos étnicos são distinguidos por **visões do mundo socialmente específicas** em vez de por diferenças biológicas.



1906

A **Declaração Universal dos Direitos Humanos** é adotada pela Assembleia Geral das Nações Unidas.



1948

Richard Sennett e Jonathan Cobb examinam os **efeitos negativos da consciência de classe** em *The Hidden Injuries of Class*.



1972

1845



Friedrich Engels descreve a **opressão e a exploração** dos trabalhadores em *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, em 1844.

1903



W. E. B. Du Bois descreve o **preconceito racial** socialmente construído em *As almas da gente negra*.

1920



Max Weber esboça sua teoria do **Sistema de Três Classes** de estratificação social baseado na riqueza, no status social e no poder político.

1964



A Lei dos Direitos Civis americana **bane a discriminação** baseada em raça, cor, religião, sexo ou origem nacional.

A modernidade que surgiu das ideias iluministas e das inovações tecnológicas da Revolução Industrial oferecia a promessa não apenas de maior prosperidade, mas também de uma sociedade mais justa. Na Europa, pelo menos, o poder absoluto dos monarcas, a aristocracia e a Igreja foram desafiados, e velhos dogmas foram desmerecidos pelo pensamento racional e científico. Ao mesmo tempo, avanços na tecnologia trouxeram a mecanização para várias atividades, dando início a novas indústrias, aumentando a riqueza e proporcionando esperança de melhoria de vida para os trabalhadores.

Consciência de classe

Com o estabelecimento da moderna sociedade industrial, no entanto, tornou-se claro que ela não era o sonho

utópico que se esperava. No século XIX, muitos pensadores começaram a perceber que esse progresso foi alcançado a um preço e que algumas promessas ainda não haviam sido cumpridas. Em vez de ficar mais justa, a moderna sociedade industrial criou desigualdades adicionais.

Entre os primeiros a estudar a nova ordem social estava Friedrich Engels, que viu o surgimento da classe trabalhadora, explorada pelos proprietários das fábricas. Com Karl Marx, ele identificou a opressão dessa classe como resultado do capitalismo, o qual, por sua vez, alimentou a industrialização.

Marx e Engels consideravam os problemas sociais da sociedade industrial em termos materiais e econômicos, e viam a desigualdade como uma divisão entre a classe trabalhadora (o proletariado) e a classe

capitalista (a burguesia). Os sociólogos posteriores também reconheciam que a desigualdade social é manifestada num sistema de classes, mas sugeriam que a estratificação era mais complexa. Max Weber, por exemplo, propôs algo nessa linha, além de enfatizar o papel da situação econômica, do status e da postura política. As percepções de classe e a questão da consciência de classe tornaram-se centrais para um contínuo estudo sociológico da desigualdade, incluindo o conceito de "habitus", como explicado por Pierre Bourdieu.

Opressão racial

Enquanto Engels e Marx concentravam-se na disparidade econômica entre as classes, outros perceberam que não era só a classe trabalhadora que sofria injustiça social. Harriet Martineau chamou a atenção

Em *A Place on the Corner: A Study of Black Street Corner Men*, Elijah Anderson começa sua pesquisa sobre o **estigma de ser negro** e sua relação com o **gueto**.

↑
1978

Em *A distinção: crítica social do julgamento*, Pierre Bourdieu explica o conceito de **"habitus"**, um senso de pertencimento a um grupo social.

↑
1979

Paul Gilroy, em seu *There Ain't No Black in the Union Jack*, argumenta que ideias fixas de identidade nacional, etnia ou cultura podem **fortalecer o racismo** e devem ser abandonadas.

↑
1987

Em *Theorizing Patriarchy*, Sylvia Walby identifica um sistema de **estruturas sociais patriarcais** no qual as mulheres são exploradas.

↑
1990

1978

1979

1984

1987

2009

Em *Orientalismo*, Edward Said desafia a **visão estereotipada do Oriente** que ele ainda julga prevalente no mundo ocidental.

Em *Poverty in the United Kingdom*, Peter Townsend defende que a **pobreza** deve ser definida em **termos relativos em vez de absolutos**.

Em *Feminist Theory: From Margin to Center*, bell hooks defende que as **formas de opressão** — das mulheres, raças e classes — **estão conectadas**.

Em *Gender and Power*, R. W. Connell diz que a masculinidade é uma **construção social** que reforça a sociedade patriarcal.

Richard Wilkinson e Kate Pickett defendem que a maioria das coisas não é afetada **pela riqueza, mas pela igualdade social**.

para a lacuna entre o ideal iluminista de direitos iguais e a realidade da sociedade moderna. Suas experiências nos EUA, onde se defrontou com a escravidão, mostraram que, mesmo numa sociedade fundada em ideais de liberdade, alguns grupos — mulheres, minorias étnicas e as classes trabalhadoras — foram excluídos da participação na constituição da sociedade. A conexão que ela fez com essas várias formas de opressão foi explorada, quase 150 anos mais tarde, por bell hooks.

Mesmo quando a escravidão foi finalmente abolida, a verdadeira emancipação ainda estava incompleta. A exclusão política dos negros — ao lhes ser negado o direito ao voto — persistiu nos EUA até o século xx. Os negros nos EUA e na Europa também enfrentaram preconceitos que duram até hoje, um

tipo de ressaca da escravidão e do colonialismo europeu. Sociólogos como W. E. B. Du Bois examinaram a posição de grupos étnicos nas sociedades industriais predominantemente brancas na Europa, e no século xx a atenção se voltou para as conexões entre raça e desigualdade social. Elijah Anderson começou seus estudos sobre os negros e sua associação com o conceito de "gueto". Edward Said analisou as percepções negativas do Ocidente em relação ao "Oriente". E sociólogos britânicos como Paul Gilroy buscaram encontrar formas de erradicar o racismo nas sociedades multiculturais modernas.

Igualdade de gêneros

As mulheres, de maneira parecida, lutaram pelo sufrágio político, mas, mesmo depois de o terem alcançado,

ainda enfrentavam injustiças nas sociedades que continuaram fundamentalmente patriarcais por todo o século xx, e até hoje. Custou mais de um século a partir da "primeira onda" feminista para se conseguir que as mulheres votassem, e a tarefa da segunda onda, começando logo depois da Segunda Guerra Mundial, era examinar e vencer a persistente injustiça social baseada no gênero.

Em vez de simplesmente tratar dos fatores econômicos e políticos por trás da contínua opressão das mulheres, Sylvia Walby sugeriu uma análise exaustiva dos sistemas sociais que mantêm a estrutura patriarcal da sociedade, enquanto R. W. Connell apontou a prevalência de percepções convencionais — formas socialmente construídas — de masculinidade que reforçaram o conceito de sociedade patriarcal. ■

O SENSO DO LUGAR DE ALGUÉM

PIERRE BOURDIEU (1930-2002)

EM CONTEXTO

FOCO

Habitus

DATAS IMPORTANTES

1934 O artigo "Body Techniques", do sociólogo e antropólogo francês Marcel Mauss, serve de base para a reelaboração de Pierre Bourdieu do conceito de "habitus".

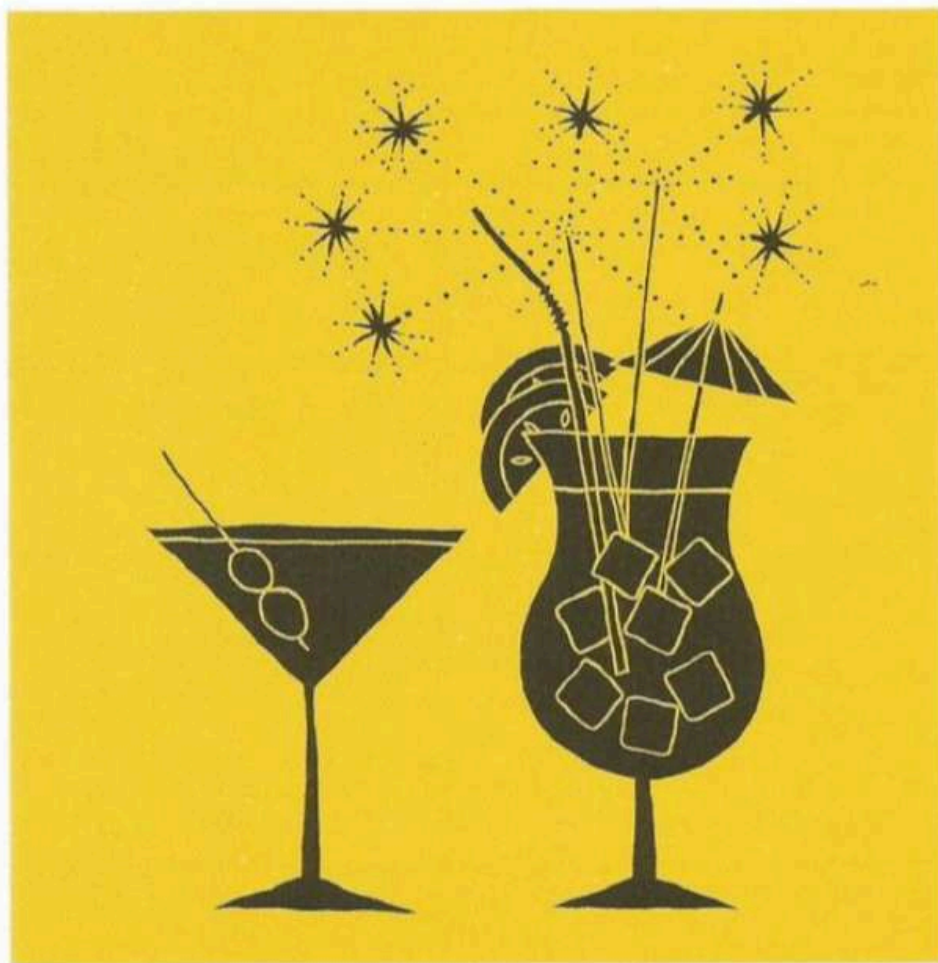
1958 Max Weber sugere que "um estilo de vida específico é esperado de alguém que queira pertencer a um círculo".

1966 O historiador inglês E. P. Thompson diz que classe é "uma relação que tem de estar sempre corporificada em pessoas reais e num contexto real".

2003 A teórica cultural americana Nancy Fraser diz que a sociedade capitalista tem dois sistemas de subordinação — a estrutura de classe e a ordem do status — interagindo entre si.

De Marx a Durkheim, de Weber a Parsons, os sociólogos sempre quiseram determinar como o sistema de classes sociais é reproduzido, acreditando que ele está estruturalmente ligado à economia, à propriedade e aos ativos financeiros.

No entanto, nos anos 1970, Pierre Bourdieu alegou, em *Distinção*, que a questão era mais complexa: a classe social não é definida apenas pela economia, diz ele, "mas pelo habitus de classe que normalmente está associado a essa posição". Tal conceito foi discutido pela primeira vez por Tomás de Aquino, teólogo italiano do século XIII, que defendia que as coisas que as pessoas querem



Veja também: Karl Marx 28-31 • Émile Durkheim 34-37 • Friedrich Engels 66-67 • Richard Sennett 84-87 • Norbert Elias 180-181 • Paul Willis 292-293



ou gostam e a forma como agem se dão porque elas pensam de certa maneira sobre si mesmas: cada um de nós tem uma inclinação particular, ou habitus.

Bourdieu, no entanto, desenvolve essa ideia mais significativamente. Ele define habitus como a corporificação das disposições socialmente adquiridas que levam os

indivíduos a viver sua vida de modo similar aos outros membros de seu grupo de classe social. Um indivíduo de uma classe "saberá" que algo é "pretensioso" ou "cafona", ao passo que uma pessoa de outra classe verá a mesma coisa como "bonita" ou "deslumbrante". Ele sugere que uma criança aprende essas coisas com a família e depois na escola e com os colegas, que demonstram à criança em crescimento como falar e agir etc. Dessa forma, diz ele, "a ordem social é progressivamente inscrita na mente das pessoas".

Disposição de classe

Enquanto estudava as divisões de classes na França nos anos 1960, Bourdieu percebeu que as pessoas da mesma classe exibiam valores culturais parecidos. As coisas que elas sabiam e às quais davam valor, o jeito como falavam, a escolha de roupas e a ornamentação de seu

corpo, além de sua visão sobre a arte, o lazer e o entretenimento, eram todos parecidos entre si. As classes altas francesas, notou, desfrutavam de poesia, filosofia e política. Elas gostavam de ir a teatros clássicos ou de vanguarda, museus, concertos de música clássica, e de acampar e fazer trilhas.

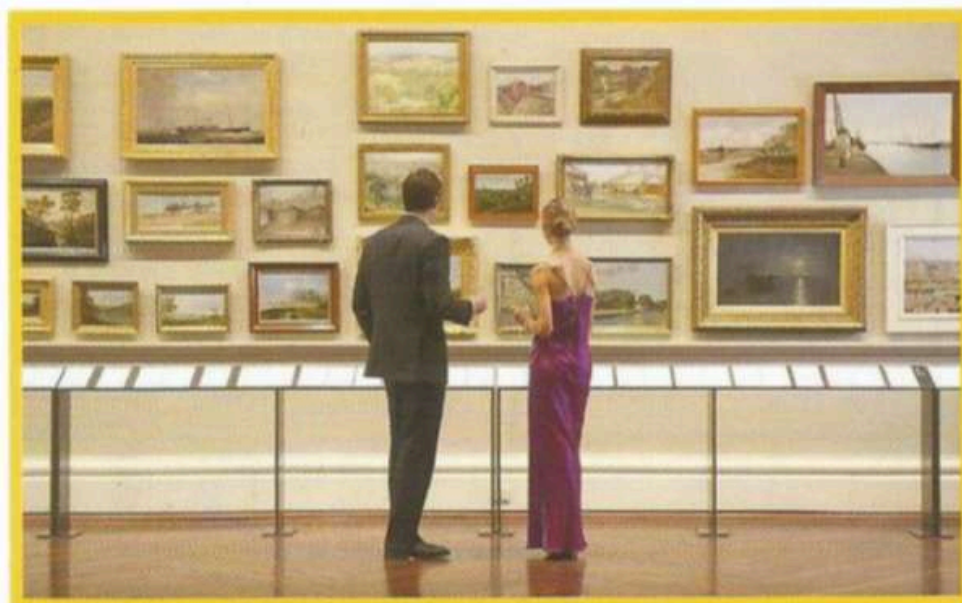
Nas classes trabalhadoras, Bourdieu descobriu que as pessoas gostavam de ler romances e revistas, apostar, ir a shows musicais, butiques e ter carros de luxo. As escolhas eram relativamente limitadas e determinadas não pelo custo, mas pelo gosto. Ele percebeu que os membros de certa classe, ou "fração de classe" (um subgrupo da classe), compartilhavam gostos porque compartilhavam disposições, ou "habitus". Eles passaram, por algum motivo, a gostar ou não das mesmas coisas. E tal consciência do habitus compartilhado lhes dava um senso particular de espaço: eles se "encaixavam" nesta ou naquela classe.

A construção do habitus não se deve nem ao indivíduo nem ao ambiente ao seu redor — ele é criado através da interação das mentes subjetivas com as estruturas e »



A caça à raposa é uma atividade que parece natural a alguns como resultado de seu habitus ou disposição. A mesma tendência faz com que outros entretenimentos (como o caraoquê) pareçam estranhos.

“
O habitus é a sociedade escrita no corpo, no indivíduo biológico.
Pierre Bourdieu
”



instituições ao seu redor. Os indivíduos nascem num grupo específico de uma classe social. Cada um é definido por um estilo de vida especial, ao qual Bourdieu se refere como "habitus do grupo". Cada grupo de classe social tem um habitus de grupo que, ao mesmo tempo, define todos os outros habitus de grupo na sociedade e o diferencia deles.

O habitus do grupo também está inscrito nas disposições corporais e nos gestos do indivíduo. A classe social das pessoas pode ser discernida pela maneira como andam, falam, riem, choram etc. — a partir de tudo o que pensam e dizem. Na maioria dos casos, já que nascem e crescem dentro de um habitus de grupo, os indivíduos praticamente não têm consciência da forma pela qual o habitus tanto capacita quanto restringe o jeito que pensam, percebem, agem e interagem com o mundo ao seu redor.

O habitus — como a corporificação das disposições de um grupo maior ao qual o indivíduo pertence — oferece às pessoas uma clara noção do tipo de pessoa que são e o que tais pessoas como elas deveriam pensar e sentir, além da maneira como devem se comportar.

O habitus dá aos indivíduos um "senso de seu lugar" único, porque o seu eu internalizado coincide perfeitamente com a estrutura de seu mundo externo. Mas, se eles se perdessem em "lugares" (instituições ou estruturas) de uma classe diferente, se sentiriam como um "peixe fora d'água", deslocados onde estivessem.

Formas de capital

Bourdieu defende que o habitus de um indivíduo é feito de tipos e montantes diferentes de capital (econômico, cultural e social), que ele redefiniu como "um conjunto de recursos e poderes utilizáveis" que a pessoa tem.

O capital econômico se refere, em poucas palavras, aos recursos materiais e à propriedade. O capital cultural de uma pessoa é sua capacidade de jogar o "jogo cultural" — reconhecer referências em livros, filmes e no teatro; saber como agir numa dada situação (por exemplo, os modos e as conversas numa refeição); saber o que vestir e como fazê-lo; e até mesmo a quem "baixar a bola". Já que o habitus define uma pessoa em qualquer situação como sendo de certa classe, ou de parte dela, ele é vital para

Expressar um ponto de vista sobre algo, como uma obra de arte, oferece a outra pessoa informações que a capacitam a avaliar o capital cultural de quem o demonstra e julgar sua classe social.

delinear a ordem social. Bourdieu diz que o habitus quase sempre é óbvio através de "juízos de classificação" feitos sobre algo, como uma pintura, que funcionam para classificar a fala de alguém. Se uma pessoa descreve a pintura como "legal" e outra como "cafona", aprendemos um pouco sobre a obra de arte, mas muito mais sobre a pessoa e seu habitus. As pessoas usam tais juízos de propósito para distinguir a si mesmas de seus semelhantes e para estabelecer sua classe.

Além do capital econômico e cultural, as pessoas talvez tenham um capital social — recursos humanos (amigos e colegas) obtidos através de redes sociais. Tais relacionamentos dão um senso de obrigação mútua e respeito, podendo oferecer acesso a poder e influência.

Essa ideia de capital social pode ser vista no sucesso de redes sociais como o Facebook ou o LinkedIn, capazes de oferecer recursos para que os indivíduos aumentem seu capital social. Bourdieu também via o capital acadêmico (conhecimento

A observação científica mostra que as necessidades culturais são o produto da educação.

Pierre Bourdieu

intelectual), o capital linguístico (facilidade no comando da linguagem, determinando quem tem a autoridade de falar e ser ouvido) e o capital político (status no mundo político) desempenhando um papel na classe.

O jogo de classe

A luta de classes, tão aprofundada por Marx, pode se dar num nível individual, usando os termos de Bourdieu. Ele diz que um indivíduo se desenvolve dentro de relações (a família e a escola) antes de entrar em várias arenas sociais, ou "campos" (como instituições e grupos sociais), onde as pessoas expressam e constantemente reproduzem seu habitus. O fato de uma pessoa ter ou não sucesso nos campos em que entra depende do tipo de habitus que tenha e do capital que detém.

Cada campo tem um conjunto de regras que refletem o habitus do grupo a ponto de essas regras parecerem "senso comum" para ele. As pessoas são reconhecidas por seu "capital simbólico" e seu valor dentro do campo. Seu capital simbólico representa o conjunto de todas as outras formas de capital e se reflete como prestígio, uma reputação por competência ou uma posição social. Por toda a vida, as pessoas usam

“

Os que falam de igualdade de oportunidades se esquecem que os jogos sociais... não são um 'jogo limpo'.

Pierre Bourdieu

”

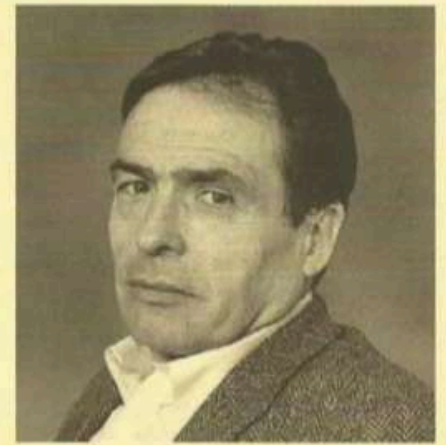
várias formas de capital. Elas também "montam estratégias" tentando saber como competir entre si por mais poder e capital. As formas particulares dessas estratégias são governadas pelo habitus, mas a maioria das pessoas ainda não está consciente de como suas escolhas e ações são determinadas por essas disposições adquiridas.

A possibilidade de mudança

Já que a ideia de Bourdieu de que o capital cultural se baseia tão fortemente nos habitus reproduzidos com constância e dos quais estamos tão imbuídos, ele se mostra um pouco pessimista quanto à possibilidade de mobilidade social.

Mas o habitus *está* aberto à mudança através de diversas forças dentro de um campo. A interação das instituições e dos indivíduos geralmente reforça as ideias já existentes, mas é possível para alguém de uma classe social mais baixa ganhar capital cultural, por exemplo, ao entrar numa escola "boa". Isso talvez aumente o seu capital econômico — e seus filhos, por sua vez, talvez estudem numa escola privada e desfrutem de um melhor capital econômico e social e de um habitus diferente. Assim, para Bourdieu, todas as formas de capital estão relacionadas: as pessoas convertem seu capital econômico em cultural e social a fim de melhorar suas chances na vida.

O habitus de Bourdieu tem tido um grande impacto no debate sociológico nas últimas décadas. Mais do que qualquer outra ideia, ele captura o quanto estruturas e processos sociais impessoais influenciam o que se considera como aparentes disposições pessoais únicas. Resumindo, o habitus reúne ideias de vários pensadores importantes em um único conceito compacto e versátil. ■



Pierre Bourdieu

Nascido em 1930 numa vila rural no sudoeste da França, Pierre Bourdieu foi filho único de um carteiro. Um professor identificou seu potencial e recomendou que fosse a Paris estudar. Depois de se formar em filosofia na reconhecida École Normale Supérieure, lecionou na Universidade de Algiers durante a Guerra da Libertação da Argélia (1956-1962).

Ainda na Argélia, estudou etnografia, o que acabou resultando em seu primeiro livro, *Sociologie de l'Algérie* (1958). Ao voltar à França, tornou-se diretor acadêmico da École des Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris, começando uma carreira de sucesso nos estudos sociais. Ele acreditava que a pesquisa deveria se traduzir em ação, e envolveu-se em muitos protestos políticos contra a desigualdade e a dominação. Bourdieu morreu em 2002.

Principais obras

1979 *A distinção: crítica social do julgamento*

1980 *O senso prático*

1981 *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*

102 INTRODUÇÃO

Em *Gemeinschaft und Gesellschaft*, Ferdinand Tönnies lamenta a mudança nos valores **de uma vida em comunidade para uma mera associação** na sociedade moderna.

↑
1887

Em "A metrópole e a vida mental", Georg Simmel examina os efeitos negativos da **crecente urbanização** na interação e nas relações sociais.

↑
1903

Georg Simmel publica seu ensaio "**O estrangeiro**" no livro *Soziologie. Untersuchungen über die Formen der Vergesellschaftung*.

↑
1908

Jane Jacobs apela para os "**olhos da rua**", para proteger as comunidades urbanas dos planejadores municipais em *Morte e vida de grandes cidades*.

↑
1961

1893

↓
Émile Durkheim explica em *Da divisão do trabalho social* a solidariedade advinda da **interdependência** das pessoas com **funções especializadas**.

1904-1905

↓
Max Weber, em *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, adverte sobre os efeitos **desumanizantes** da **racionalização**.

DÉCADA DE 1920

↓
Robert E. Park e outros membros da chamada "Escola de Chicago" de sociologia focam a **vida urbana** e as **estruturas sociais**.

A medida que os primitivos grupos humanos na Pré-História começaram a se fixar em determinados lugares, os fundamentos da civilização foram sendo estabelecidos. A partir desse começo, os humanos passaram a viver juntos em grupos cada vez maiores, e a civilização avançou com o surgimento de vilas, povoados e cidades. Mas, na maior parte da história humana, a maioria das pessoas vivia em comunidades rurais. A urbanização de larga escala só surgiu com a Revolução Industrial, que foi acompanhada por uma enorme expansão dos povoados e das cidades, e um grande número de pessoas migrou para trabalhar nas fábricas que se instalaram lá.

Viver num ambiente urbano tornou-se um aspecto da "modernidade" na mesma proporção que a industrialização e o crescimento

do capitalismo, e sociólogos como Adam Ferguson e Ferdinand Tönnies reconheceram que havia uma enorme diferença entre as comunidades rurais tradicionais e as cidades modernas. Tal mudança na ordem social foi atribuída a uma série de fatores por vários pensadores: ao capitalismo, por Karl Marx; à divisão do trabalho na indústria, por Émile Durkheim; e à racionalização e secularização, por Max Weber. Foi Georg Simmel quem sugeriu que a própria urbanização afetou a maneira como as pessoas interagem socialmente — e uma das características fundamentais da vida moderna é a vida na cidade.

Comunidade na cidade

Simmel examinou não apenas as novas formas de ordem social que surgiram com as cidades modernas, como também o efeito sobre o

indivíduo de viver em grandes grupos, quase sempre longe dos laços comunitários tradicionais e da família. A partir de seu trabalho, a chamada Escola de Chicago de sociologia, capitaneada por Robert E. Park, ajudou a estabelecer o campo distinto da sociologia urbana. Logo, no entanto, os sociólogos mudaram a ênfase de sua pesquisa: do que é viver numa cidade para em qual tipo de cidade gostaríamos de morar.

Tendo evoluído para satisfazer as necessidades da industrialização, a cidade — a vida urbana, com todas as suas vantagens e desvantagens — era vista por muitos sociólogos como tendo sido imposta às pessoas. O sociólogo marxista Henri Lefebvre achava que as demandas do capitalismo moldavam a sociedade urbana moderna, mas cabia às pessoas comuns assumir o controle de seu ambiente urbano, aquilo que ele

Niklas Luhmann desenvolve sua teoria dos **sistemas sociais**.

DÉCADA DE 1970

Amitai Etzioni defende a restauração de valores cívicos para estimular a **coesão social** em *The Spirit of the Community: The Reinvention of American Society*.

1993

Robert D. Putnam explora o **capital social** e o **espírito de comunidade** em "Bowling Alone: America's Declining Social Capital", no *Journal of Democracy*.

1995

Seguindo o espírito da tese de Ritzer sobre a "McDonaldização", Alan Bryman argumenta que a sociedade de consumo moderna se torna cada vez mais "**Disneyzada**".

2004

1968

Em *O direito à cidade*, o marxista francês Henri Lefebvre argumenta que as pessoas têm o direito de **controlar e transformar** seu espaço social.

1982

Em *Loft Living: Culture and Capital in Urban Change*, Sharon Zukin observa a vida nas **cidades pós-industriais regeneradas**.

1993

George Ritzer compara as mudanças na sociedade à **racionalização e eficiência** de uma rede de lanchonetes em *The McDonaldization of Society*.

1996

Em *New Communitarian Thinking*, Amitai Etzioni defende a filosofia social capaz de **revigorar valores coletivos**.

chamava de "espaço social". Do mesmo modo (mas a partir de um ponto de vista político diferente), Jane Jacobs defendia que as pessoas deveriam resistir aos planejadores urbanos e criar ambientes que encorajassem a formação de comunidades dentro da cidade.

No final do século xx, vários sociólogos encamparam essa ideia da perda da comunidade em nossa sociedade ocidental cada vez mais individualizada. Surgiu um movimento comunitário, liderado pelo sociólogo americano Amitai Etzioni, sugerindo novas formas de restaurar o espírito comunitário naquilo que se tornou uma sociedade impessoal. Robert D. Putnam também deu importância à ideia da comunidade em sua explicação do "capital social" e ao valor e aos benefícios da interação social. Nem todos concordavam, no

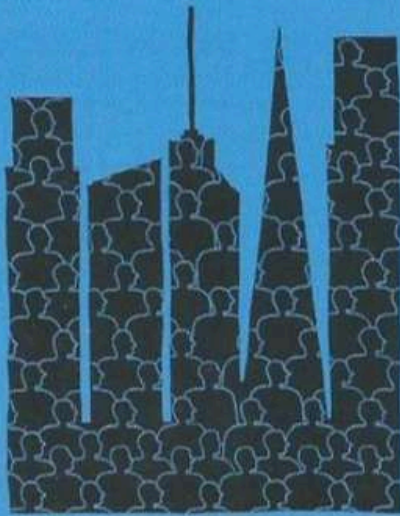
entanto, que a resposta para os problemas sociais da vida urbana deveria ser o retorno aos valores comunitários tradicionais. Niklas Luhmann disse que o problema atual é o da comunicação entre sistemas sociais que se tornaram cada vez mais fragmentados e diferenciados. Na era pós-industrial, com todos os seus métodos de comunicação, é preciso desenvolver novas estratégias de coesão social.

Cidades pós-industriais

A natureza das cidades começou a mudar no final do século xx, conforme as fábricas se mudavam ou desapareciam. Enquanto algumas localidades se transformaram em cidades fantasmas, outras se tornaram centros de prestação de serviços. À medida que as áreas das classes trabalhadoras foram se

tornando bairros mais ricos e as construções industriais viraram cobijados espaços habitacionais pós-modernos, o conceito de vida metropolitana moderna se associou à prosperidade, em vez de à industrialização suja.

Isso se manifestou não apenas na transformação dos espaços habitáveis urbanos, como descrito por Sharon Zukin nos anos 1980, mas em toda a ordem social pós-moderna. George Ritzer comparou a eficiência e a racionalização do setor de serviços ao modelo de negócios iniciado por redes de fast-food como o McDonald's, e Alan Bryman percebeu como a cultura do entretenimento americana gerada pela Disney influenciou o consumismo moderno. A sociedade urbana moderna, criada pela industrialização, agora é moldada por novas demandas do comércio pós-industrial. ■



OS ESTRANHOS NÃO SÃO CONCEBIDOS, DE FATO, COMO INDIVÍDUOS, MAS COMO ESTRANHOS DE UM TIPO ESPECÍFICO

GEORG SIMMEL (1858-1918)

EM CONTEXTO

FOCO

A vida mental da metrópole

DATAS IMPORTANTES

Século XIX A urbanização assume larga escala na Europa e nos EUA.

A partir de 1830 A recém-nascida sociologia alega oferecer os meios para entender as mudanças introduzidas na sociedade pela Revolução Industrial.

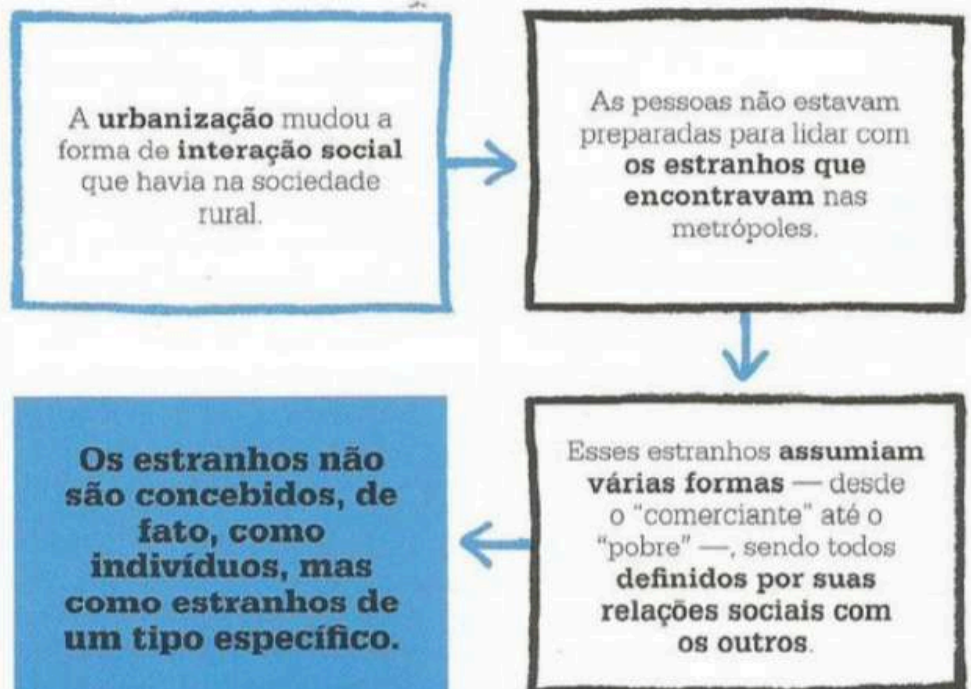
1850-1900 Grandes pensadores sociais, como Ferdinand Tönnies, Émile Durkheim e Karl Marx, demonstram preocupação com o efeito da modernização e da industrialização sobre a sociedade.

A partir dos anos 1920 A obra de Simmel sobre o impacto da vida urbana influencia o desenvolvimento da sociologia urbana nos EUA por um grupo de sociólogos coletivamente conhecidos como a Escola de Chicago.

A Revolução Industrial foi acompanhada pela urbanização na Europa e nos EUA a partir do século XIX. Para muitas pessoas, isso resultou numa maior liberdade conforme elas experimentavam a libertação das restrições das estruturas sociais tradicionais. Mas, paralelamente a esses desenvolvimentos, surgiram demandas crescentes pelos empregadores capitalistas pela

especialização funcional das pessoas e de seus trabalhos, o que significava novas restrições e reduções das liberdades individuais.

O sociólogo alemão Georg Simmel queria entender o esforço enfrentado pelos moradores das cidades em preservar a autonomia e a individualidade diante de tais forças sociais esmagadoras. Ele descobriu que o crescimento da interação humana trazido pela vida e pelo trabalho em



Veja também: Karl Marx 28-31 • Ferdinand Tönnies 32-33 • Émile Durkheim 34-37 • Max Weber 38-45 • Zygmunt Bauman 136-143 • Thorstein Veblen 214-219 • Erving Goffman 264-269 • Michel Foucault 270-277

ambientes urbanos afetou profundamente as relações entre as pessoas, listando suas descobertas no artigo "A metrópole e a vida mental". Se por um lado, nas sociedades pré-modernas as pessoas tinham uma familiaridade íntima com aqueles ao seu redor, por outro, no ambiente urbano moderno os indivíduos quase nunca conhecem aqueles que vivem ao seu redor. Simmel acreditava que o aumento na atividade social e o anonimato trariam uma mudança de consciência.

A velocidade da vida numa cidade era tão alta que as pessoas precisavam de um "órgão protetor" para isolá-las dos estímulos externos e internos. De acordo com Simmel, os que vivem nas metrópoles "reagem com a cabeça e não com o coração" ao construir uma barreira racional de indiferença cultivada — uma "atitude blasée". A mudança na consciência também leva as pessoas a se tornarem mais reservadas e distantes. Esse estranhamento das normas de comportamento tradicionais e aceitas piora ainda mais pela cultura monetária das cidades, que reduz tudo na metrópole à troca financeira. Simmel

“
Através desse anonimato, os
interesses de cada parte
adquirem um caráter
impiedosamente prosaico.
Georg Simmel

diz que a atitude dos que vivem nas metrópoles pode ser entendida como uma técnica de sobrevivência social para lidar com a perturbação mental criada pela imersão na vida da cidade — uma abordagem que capacita as pessoas a focar sua energia naqueles que lhes são importantes. Ela também faz com que fiquem mais tolerantes à diferença e mais sofisticados.

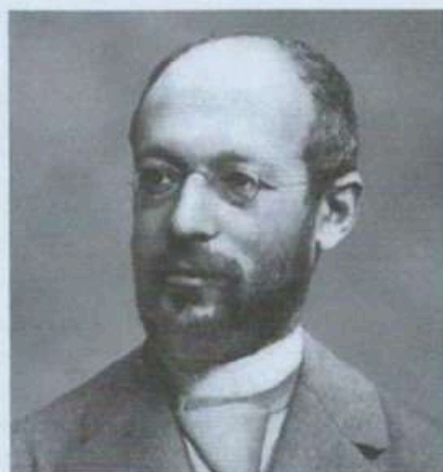
Espaço na metrópole

Os graus de proximidade e distância entre os indivíduos e grupos eram cruciais para o entendimento de Simmel sobre a vida numa metrópole, e ideias

sobre o espaço social influenciaram um dos seus conceitos mais conhecidos: o papel social do "estranho/estrangeiro", desenvolvido num ensaio no livro *Soziologie*. No passado, diz ele, os estranhos só eram encontrados raramente e de forma passageira. Mas os estranhos urbanos não são andarilhos — são "errantes potenciais". Simmel diz que o estranho (por exemplo, um comerciante) ou um grupo estranho (seu exemplo é o "judeu europeu") está conectado espacialmente à comunidade, mas não socialmente. São caracterizados tanto pela "proximidade" quanto pela "distância" — na comunidade, mas não *dela*.

O estranho foi um dos vários tipos sociais descritos por Simmel, tornando-se o que é por suas relações com os outros, ideia que influenciou vários sociólogos, incluindo Zygmunt Bauman. O conceito de Erving Goffman da "desatenção civil", em que as pessoas minimizam sua interação social em público — evitando o contato visual, por exemplo —, também foi desenvolvido a partir de uma descoberta de Simmel: sua noção da "atitude blasée". ■

Georg Simmel



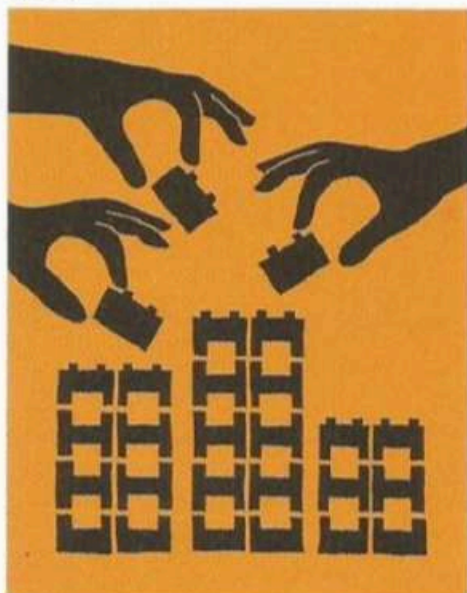
Nascido em 1858 em Berlim, numa próspera família judaica, Georg Simmel é um dos menos conhecidos fundadores da sociologia. Estudou filosofia e história na Universidade de Berlim, onde terminou seu doutorado em 1881. Apesar da popularidade de sua obra entre a elite intelectual alemã, principalmente Ferdinand Tönnies e Max Weber, Simmel seguiu isolado e só virou professor em Estrasburgo em 1914.

Ele desenvolveu o que hoje é conhecido como sociologia formal, que deriva de sua crença de que podemos entender distintos

fenômenos humanos ao nos concentrarmos não no conteúdo das interações, mas nas formas por trás de seu comportamento. Mas é seu estudo da vida numa metrópole que seguiu sendo sua obra de maior influência, já que foi o precursor do desenvolvimento da sociologia urbana pela assim chamada Escola de Chicago nos anos 1920.

Principais obras

1900 *Philosophie des Geldes*
1903 "A metrópole e a vida mental"
1908 *Soziologie*



A LIBERDADE DE REFAZER NOSSAS CIDADES E A NÓS MESMOS

HENRI LEFEBVRE (1901-1991)

EM CONTEXTO

FOCO

O direito à cidade

DATAS IMPORTANTES

Século XIX Europa e EUA passam por uma enorme urbanização.

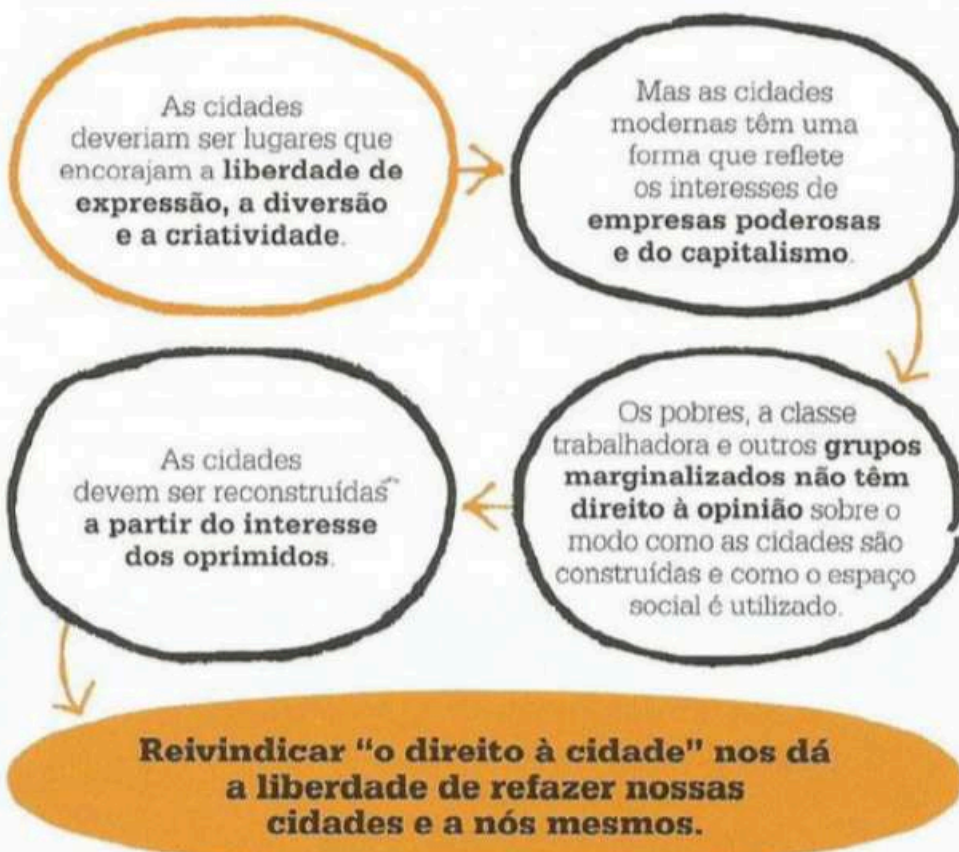
1848 Karl Marx e Friedrich Engels fazem uma crítica da desigualdade de classes na sociedade capitalista ocidental n' *O manifesto comunista*.

1903 O sociólogo alemão Georg Simmel publica "A metrópole e a vida mental".

A partir dos anos 1980 De acordo com o sociólogo britânico David Harvey e o acadêmico espanhol Manuel Castells, as cidades servem aos interesses do capitalismo e isso afeta a interação dos que vivem nelas.

A partir dos anos 1990

O conceito de Lefebvre do "direito à cidade" influencia movimentos sociais ao redor do mundo, incluindo EUA, França, Brasil e Filipinas.



A cidade não precisa ser vista como uma selva de concreto — suja, desagradável e ameaçadora. Para o sociólogo e filósofo francês Henri Lefebvre, que dedicou a maior parte da vida ao estudo da sociedade urbana, ela é uma

combinação interessante e complexa de relações de poder, identidades diversas e jeitos de ser.

Ao escrever nos anos 1960 e 1970, Lefebvre defendia que um dos aspectos mais fascinantes da cidade não são só as pessoas que vivem nela, mas o fato

Veja também: Karl Marx 28-31 • Ferdinand Tönnies 32-33 • Peter Townsend 74 • Elijah Anderson 82-83 • Georg Simmel 104-105 • Jane Jacobs 108-109 • Amitai Etzioni 112-119 • Sharon Zukin 128-131 • Saskia Sassen 164-165



de que ela é um ambiente que tanto reflete como cria a sociedade. Aplicando uma perspectiva marxista a sua análise, Lefebvre também diz que os espaços urbanos são moldados pelo Estado para servir aos interesses das empresas poderosas e do capitalismo. Partes da cidade refletem as relações de classe nela contidas: a riqueza de algumas áreas revela o poder e a opulência das elites, enquanto algumas áreas e guetos na periferia demonstram o deslocamento e a marginalização dos pobres, da classe trabalhadora e de outros grupos excluídos.

Público e privado

Muitas cidades modernas, por exemplo, são dominadas por espaços privados, como shoppings e prédios comerciais, construídos a serviço do capitalismo. A perda do espaço público restringiu bastante os lugares onde as pessoas podem se encontrar em pé de igualdade com outras, erodindo assim a liberdade individual e sufocando os meios de satisfazer suas necessidades sociais e psicológicas. Isso pode levar a sérios problemas sociais, como crime, depressão, falta de moradia, exclusão social e pobreza. Um poder considerável é concedido àqueles que detêm e controlam os espaços urbanos — arquitetos, planejadores,

“a burguesia mercantil, os intelectuais e os políticos”, de acordo com Lefebvre. Mas ele acredita que as decisões sobre a exata natureza do ambiente urbano — o que acontece nele, como o espaço social é constituído e usado — deveriam ser abertas a todos. As pessoas comuns deveriam poder participar da criação de espaços que refletem suas necessidades e interesses — somente afirmando esse “direito à cidade” é que se consegue lidar com grandes questões sociais.

A visão de Lefebvre é a de cidades que pulsam com vida, expressões

Enormes shoppings servem aos interesses do capitalismo consumista. A construção de tais espaços quase sempre leva ao deslocamento dos residentes das classes trabalhadoras que antes viviam ali.

vibrantes da liberdade e da criatividade humana, onde as pessoas podem se divertir, explorar suas necessidades criativas e artísticas, alcançando assim alguma forma de autorrealização. As ruas das cidades deveriam, diz ele, ser projetadas para encorajar esse tipo de existência — elas podem ser rústicas, interessantes e descontroladas, mas exatamente por isso lembrarão as pessoas de que elas estão vivas.

A exigência de Lefebvre pelo direito à cidade não é apenas um chamado para uma série de reformas, mas para uma transformação completa das relações sociais na cidade, se não na sociedade como um todo — é, em essência, uma proposta para uma forma radical de democracia onde o controle é arrancado das elites e entregue às massas. Isso, diz ele, só se consegue através de grupos e facções de classes “capazes de iniciativas revolucionárias”. ■

Henri Lefebvre

O sociólogo e filósofo marxista Henri Lefebvre nasceu em Hagetmau, França, em 1901. Estudou filosofia na Sorbonne, Paris, formando-se em 1920. Filiou-se ao Partido Comunista francês em 1928 e se tornou um dos mais importantes intelectuais marxistas da França. Foi, mais tarde, expulso do Partido Comunista e tornou-se um dos seus críticos mais ácidos. Em 1961, foi nomeado professor de sociologia da Universidade de Estrasburgo, antes de se mudar

para Nanterre, em 1965. Lefebvre foi um escritor prolífico sobre vários assuntos. Sua obra desafiou as autoridades capitalistas dominantes e, como tal, nem sempre foi bem recebida, mas acabou influenciando várias disciplinas, como geografia, filosofia, sociologia, ciência política e arquitetura.

Principais obras

1968 *O direito à cidade*
1970 *A revolução urbana*
1974 *A produção do espaço*



TEM QUE HAVER OLHOS NA RUA

JANE JACOBS (1916-2006)

EM CONTEXTO

FOCO

Comunidade urbana

DATAS IMPORTANTES

1887 O livro *Gemeinschaft und Gesellschaft*, de Ferdinand Tönnies, desperta interesses sociológicos sobre os laços de comunidade na sociedade urbana.

A partir dos anos 1950 As vizinhanças na periferia das cidades ocidentais sofrem pressão de planejadores urbanos.

2000 Robert D. Putnam discute em seu *Bowling Alone* a erosão dos valores comunitários desde os anos 1960.

2002 Em *A ascensão da classe criativa*, o sociólogo e economista Richard Florida cita Jacobs como influência em suas teorias sobre a criatividade.

2013 O uso crescente de câmeras de vigilância nas cidades americanas depois do Onze de Setembro resulta na identificação dos suspeitos procurados pelas explosões na maratona de Boston.

Uma boa rua de cidade tem prédios que se voltam para fora...



... e uma mistura de propriedades comerciais e residenciais.



Ela precisa de um tráfego regular de pedestres nas calçadas...



... para melhorar a comunidade e a segurança...



... e criar atividade para que as pessoas vejam e desfrutem.



Tem que haver olhos na rua.

Jane Jacobs gastou parte de sua vida profissional desenvolvendo uma visão original sobre a cidade — em especial, focando o que pode garantir o sucesso de uma comunidade urbana. Suas ideias foram formadas a partir de observações da vida urbana na vizinhança de West Greenwich Village em Nova York, onde morou por mais de trinta anos.

Jacobs se opôs às mudanças em grande escala na vida urbana que aconteceram em Nova York durante os anos 1960, coordenadas pelo planejador urbano e seu arquirrival Howard Moses, entre elas os projetos para eliminar favelas e a construção de arranha-céus. No cerne de sua visão está a ideia de que a vida urbana deve ser uma questão vibrante e diversificada, em que as pessoas sejam capazes de interagir umas com as outras em ambientes urbanos densos e estimulantes. Ela prefere o caos à ordem, andar em vez de dirigir, e a diversidade à uniformidade.

Para Jacobs, as comunidades urbanas são entidades orgânicas — ecossistemas complexos e integrados — que deveriam ser deixadas em paz para crescer e mudar por conta própria, e não sujeitas a planos grandiosos dos chamados especialistas e tecnocratas. Os melhores juízes de como uma

Veja também: Ferdinand Tönnies 32-33 • Michel Foucault 52-55 • Georg Simmel 104-105 • Henri Lefebvre 106-107 • Robert D. Putnam 124-125 • Sharon Zukin 128-131 • Saskia Sassen 164-165

A visão de Jane Jacobs sobre como a rua de uma cidade deveria ser pode ser exemplificada por essa foto de Nova York: uma cidade, com prédios residenciais, negócios no térreo e muitas pessoas a pé.

cidade deveria ser — e como ela deveria evoluir — são os seus próprios residentes. Jacobs defende que as comunidades urbanas são o melhor lugar para entender como sua cidade funciona, porque a vida da cidade é criada e mantida através de suas várias interações.

O balé da calçada

Jacobs diz que a forma como uma cidade foi construída é fundamental para a vida da comunidade urbana. O mais importante são as calçadas. As ruas onde as pessoas vivem deveriam ter um padrão definido de calçadas que se cruzam, o que permitiria às pessoas se encontrarem, esbarrarem, conversarem e se conhecerem. Ela chama a isso de "balé da calçada", um conjunto complexo, mas também enriquecedor, de encontros que ajudam os indivíduos a se familiarizarem com seus vizinhos e



com a vizinhança. A diversidade e o uso misturado do espaço também são, para Jacobs, elementos cruciais dessa forma urbana. Os negócios e as residências de uma cidade não deveriam ser separados, mas estar lado a lado para permitir uma maior integração entre as pessoas. Também deveria haver uma diversidade de prédios velhos e novos, e as interações entre as pessoas é que deveriam definir como os prédios poderiam ser usados ou reutilizados. Por

fim, as comunidades urbanas florescem melhor em lugares onde uma massa crítica de pessoas vive, trabalha e interage. Tais espaços de alta densidade — mas não lotados — são, segundo ela, motores de criatividade e vibração. Também são lugares seguros para estar, porque a maior densidade de pessoas quer dizer que existem "mais olhos na rua": comerciantes e moradores locais que conhecem sua área e oferecem uma forma natural de vigilância. ■

Jane Jacobs



Jane Jacobs foi uma escritora e urbanista apaixonada. Deixou Scranton, Pensilvânia, EUA, e foi para Nova York em 1935, durante a Grande Depressão. Depois de ter visto a área da Greenwich Village pela primeira vez, mudou-se para lá, deixando o Brooklyn e dando início ao seu interesse em comunidades urbanas. Em 1944, casou-se e se mudou para uma casa na Hudson Street.

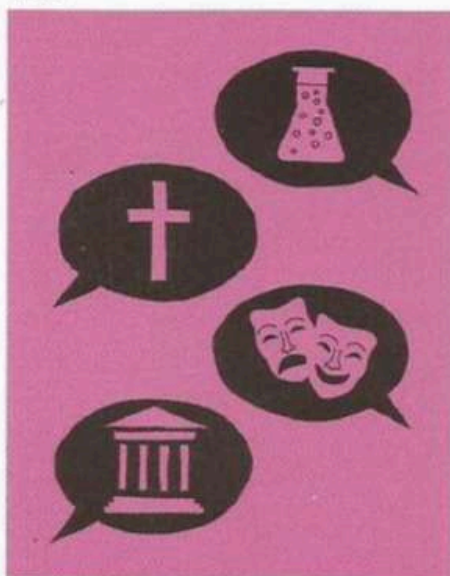
Foi quando Jacobs trabalhava como colunista da revista *Architectural Forum* que ela começou a criticar alguns grandes projetos de renovação urbana

impostos de cima para baixo. Por toda a sua vida foi uma ativista e apoiadora de sua visão da cidade a partir da comunidade.

Em 2007, a Fundação Rockefeller criou a medalha Jane Jacobs em sua honra, para celebrar os visionários urbanos cujas ações na cidade de Nova York reafirmam seus princípios.

Principais obras

1961 *Morte e vida de grandes cidades*
1969 *The Economy of Cities*
1984 *Cities and the Wealth of Nations*



SÓ A COMUNICAÇÃO É CAPAZ DE COMUNICAR

NIKLAS LUHMANN (1927-1998)

EM CONTEXTO

FOCO

Sistemas de comunicação

DATAS IMPORTANTES

1937 O sociólogo americano Talcott Parsons discute a teoria dos sistemas em *A estrutura da ação social*.

1953 O conceito de jogos de linguagem do filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein é publicado postumamente e influencia as ideias de Luhmann sobre comunicação.

1969 *Laws of Form*, do matemático britânico George Spencer-Brown, apoia as ideias de Luhmann sobre diferenciação estrutural.

1987 O sociólogo alemão Jürgen Habermas abre um debate crítico com Luhmann a respeito da teoria de sistemas.

2009 As ideias de Luhmann são aplicadas pelo acadêmico grego Andreas Mihalopoulos em sua análise da justiça penal e dos sistemas legais.

A sociedade moderna tem **diversos sistemas sociais** (economia, direito, educação, política etc.).

Tais **sistemas dão sentido ao mundo**, apesar de eles não serem feitos de pessoas, mas de **comunicações**.

Acoplamentos estruturais capacitam a **comunicação restrita** entre os diversos sistemas de comunicação.

Cada sistema processa atividades e problemas de forma própria, de modo que **não é capaz de se conectar a outros sistemas** sem auxílio.

O elemento definidor da modernidade, de acordo com o sociólogo alemão Niklas Luhmann, é a diferenciação nas avançadas sociedades capitalistas entre sistemas sociais distintos — econômico, educacional, científico, legal, político, religioso etc. Luhmann argumenta que o termo “sociedade” se refere ao sistema que engloba todos os

outros sistemas: a sociedade é, diz ele, o sistema dos sistemas.

As pessoas, insiste Luhmann, não têm sentido socialmente. O elemento base da sociedade não é o ator humano, mas a “comunicação” — um termo que ele define como a “síntese de informação, transmissão e compreensão” proveniente das atividades e interações, verbais e não

Veja também: Max Weber 38-45 • Jürgen Habermas 286-287 • Talcott Parsons 300-301 • Herbert Spencer 334 • Alfred Schütz 335

verbais, dentro de um sistema. Luhmann argumenta que, assim como uma planta reproduz suas próprias células num processo circular, biológico, de autoprodução, um sistema social também é autossustentável e se desenvolve a partir de uma operação que possui conectividade — que surge quando “a comunicação se desenvolve a partir da comunicação”. Ele compara a comunicação ao equivalente estrutural de um produto químico.

Acoplamentos estruturais

Luhmann usa as ideias de George Spencer-Brown sobre as leis matemáticas da forma para ajudar a definir um sistema, argumentando que algo surge da diferença: um sistema é, de acordo com sua teoria, uma “distinção” de seu ambiente. E, diz Luhmann, o ambiente de um sistema é constituído de outros sistemas. Por exemplo, o ambiente de um sistema familiar inclui outras famílias, o sistema político, o sistema médico etc. De modo decisivo, cada sistema individual só consegue entender os eventos — as atividades e formas de comunicação — peculiares

a si mesmo. Ele é razoavelmente indiferente ao que acontece em outros sistemas (e na sociedade como um todo). Assim, por exemplo, o sistema econômico está funcionalmente dedicado aos seus próprios interesses, e não está interessado em questões morais, exceto quando elas possam ter um impacto sobre as atividades e transações econômicas — as questões morais, no entanto, têm grande consequência, por exemplo, no sistema religioso.

Luhmann vê essa falta de integração de sistemas como um dos maiores problemas enfrentados pelas sociedades capitalistas avançadas. Ele identifica o que chama de “acoplamentos estruturais” — certas formas e instituições que ajudam a conectar sistemas separados ao traduzir as comunicações produzidas por um sistema em termos que o outro possa entender. Os exemplos incluem a Constituição, que lida com sistemas legais e políticos, e uma universidade, que acopla o sistema educacional com, entre eles, o econômico. O “acoplamento estrutural” é um conceito que ajuda a dar conta do



Artistas protestam contra o patrocínio da M à galeria de arte britânica Tate, de Londres, refletindo a crença de que o sistema corporativo não seria compatível com o do mundo da arte.

relacionamento entre as pessoas (como sistemas conscientes) e os sistemas sociais (como comunicações).

Apesar de sua extrema complexidade, a teoria de Luhmann é usada em todo o mundo como uma ferramenta analítica para sistemas sociais. Seus críticos dizem que a teoria passa pelo escrutínio acadêmico, mas falha operacionalmente em mostrar como a comunicação pode se dar sem a atividade humana. ■

“

Humanos não conseguem se comunicar; nem sequer seu cérebro consegue se comunicar; nem mesmo sua mente consciente consegue se comunicar.

Niklas Luhmann

”

Niklas Luhmann

Niklas Luhmann estudou direito na Universidade de Freiburg, Alemanha, de 1946 a 1949, antes de se tornar funcionário público em 1956. Passou seu ano sabático de 1960 a 1961 na Universidade Harvard, EUA, estudando sociologia e ciência administrativa, onde aprendeu com Talcott Parsons.

Em 1966, Luhmann terminou seu doutorado em sociologia na Universidade de Münster e em 1968 tornou-se

professor de sociologia na Universidade de Bielefeld, onde permaneceu. Luhmann recebeu várias honrarias e em 1988 ganhou o famoso prêmio Hegel, dado a pensadores importantes pela cidade de Stuttgart. Foi um escritor prolífico, tendo publicado algo próximo de 377 textos.

Principais obras

1972 *Sociologia do direito*
1984 *Soziale Systeme*
1997 *Theory of Society* (dois volumes)



EM CONTEXTO

FOCO Mobilidades

DATAS IMPORTANTES

1830 A primeira ferrovia unindo duas cidades é aberta na Inglaterra, ligando Liverpool a Manchester.

1840 Na Grã-Bretanha, o primeiro selo postal adesivo pré-pago, o "Penny Black", revoluciona a circulação de informação e bens.

1903 Os irmãos americanos Wilbur e Orville Wright fazem o primeiro voo a motor na Carolina do Norte, EUA.

A partir dos anos 1960 Os satélites de comunicação entram em órbita, anunciando a transmissão global instantânea de informação.

1989-1991 O cientista britânico Tim Berners-Lee desenvolve a World Wide Web.

2007 O sociólogo britânico John Urry publica *Mobilities*.

ÀS VEZES PARECE QUE O MUNDO NÃO PARA

JOHN URRY (1946-)

Desde o século xvii surgiram novas tecnologias que possibilitaram a pessoas, objetos e ideias se mover pelo mundo mais facilmente do que antes. O sociólogo britânico John Urry adverte que as consequências desse aumento na mobilidade global demandam que as ciências sociais desenvolvam um "novo paradigma" para o estudo de como bens, pessoas e ideias circulam. Para Urry, tal movimento cria novas identidades, culturas e redes, levando à diversidade cultural, a oportunidades econômicas e, às vezes, a novas formas de desigualdade social.

Sistemas e mobilidades

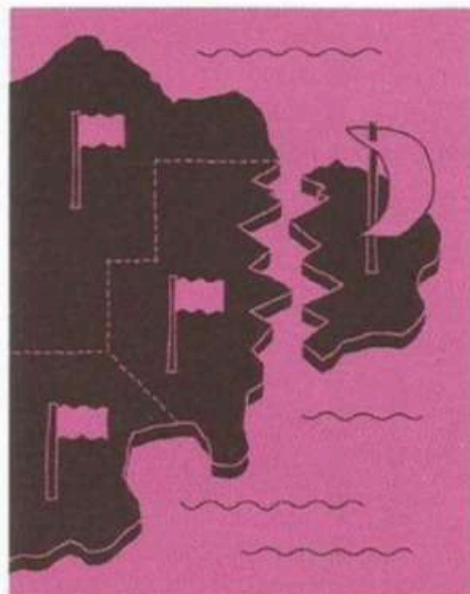
A principal contribuição de Urry para o estudo da globalização é seu foco nos sistemas sociais que facilitam o movimento. O século xx, em especial, viu o surgimento de carros, telefones, poder aéreo, trens de alta velocidade, satélites de comunicação, redes de computadores etc. Esses "sistemas de mobilidades" de interconexão são o cerne dinâmico da globalização, diz Urry.

“
Ser fisicamente móvel se tornou... 'uma forma de vida' ao redor do globo.
John Urry

”
Ele argumenta que o estudo das "mobilidades" torna transparentes os impactos e as consequências da globalização. De forma similar, o estudo das forças que impedem a mobilidade — as "imobilidades" — é essencial para compreender a exclusão e a desigualdade social contemporânea.

Ao entender esse fluxo global, a sociologia pode explorar melhor as vantagens e os custos sociais e ambientais da globalização (como o crescimento econômico e os poluentes industriais) e as forças que lideram a mudança social. ■

Veja também: Zygmunt Bauman 136-143 • Manuel Castells 152-155 • Saskia Sassen 164-165 • David Held 170-171



AS NAÇÕES PODEM SER IMAGINADAS E CONSTRUÍDAS COM UM TRAÇO HISTÓRICO RELATIVAMENTE PEQUENO

DAVID McCRONE

EM CONTEXTO

FOCO Neonacionalismo

DATAS IMPORTANTES

1707 O Tratado de União é ratificado e o Reino Unido é oficialmente constituído.

1971 O etnógrafo britânico Anthony D. Smith publica seu influente estudo *Theories of Nationalism*.

1983 O sociólogo britânico Benedict Anderson publica *Comunidades imaginadas*, examinando a formação do conceito de nação.

1998 O sociólogo britânico David McCrone argumenta em seu *The Sociology of Nationalism* que o nacionalismo opera como um veículo para uma variedade de interesses sociais e econômicos.

2004 A socióloga japonesa Atsuko Ichijo explora a aparente contradição de uma política de "independência na Europa" em *Scottish Nationalism and the Idea of Europe*.

As forças econômicas, políticas e culturais geradas pela globalização, de acordo com o sociólogo britânico David McCrone, coincidiram com a ascensão do neonacionalismo, o que acontece quando um grupo social em uma nação tenta redefinir sua identidade. Ele argumenta que todas as identidades neonacionalistas dizem respeito a pequenas entidades dentro de grandes estados-nações: por exemplo, a Escócia no Reino Unido, a Catalunha na Espanha, o país Basco, que cobre o sudoeste da França e o norte da Espanha, e a região francófona de Quebec, no Canadá.

Tanto as identidades nacionais quanto as neonacionais são feitas da "matéria-prima histórica" de uma língua comum, dos mitos, das narrativas culturais e dos ideais sociais. McCrone diz que a solidariedade surge sempre que um grupo suficiente de pessoas invoca tais matérias-primas, ou "traços históricos", buscando uma causa comum. Além disso, um traço histórico relativamente pequeno já é o bastante para estimular sentimentos neonacionalistas. Quase sempre,

poucos símbolos são necessários para invocar fortes sensações nas pessoas, como a bandeira Senyera da Catalunha, ou o símbolo da flor-de-lis de Quebec. Apesar do sentimento de diferença em relação ao Estado poder ser o principal fator para os clamores de autonomia, ou maior independência, as motivações das identidades neonacionalistas ou separatistas podem variar bastante. Elas podem ser motivadas, por exemplo, pela percepção da injustiça na tributação ou na alocação de recursos. ■



A organização separatista basca ETA manteve um conflito político e armado com a Espanha e a França, entre 1959 e 2011, visando à independência política.

Veja também: Émile Durkheim 34-37 ■ Paul Gilroy 75 ■ John Urry 162 ■ David Held 170-171 ■ Benedict Anderson 202-203 ■ Michel Maffesoli 291



O "EU" E O "MIM"

G. H. MEAD (1863-1931)

EM CONTEXTO

FOCO

O desenvolvimento do eu

DATAS IMPORTANTES

1902 O sociólogo americano Charles Cooley afirma que nossa visão do "eu" reflete o ponto de vista dos que são importantes ao nosso redor.

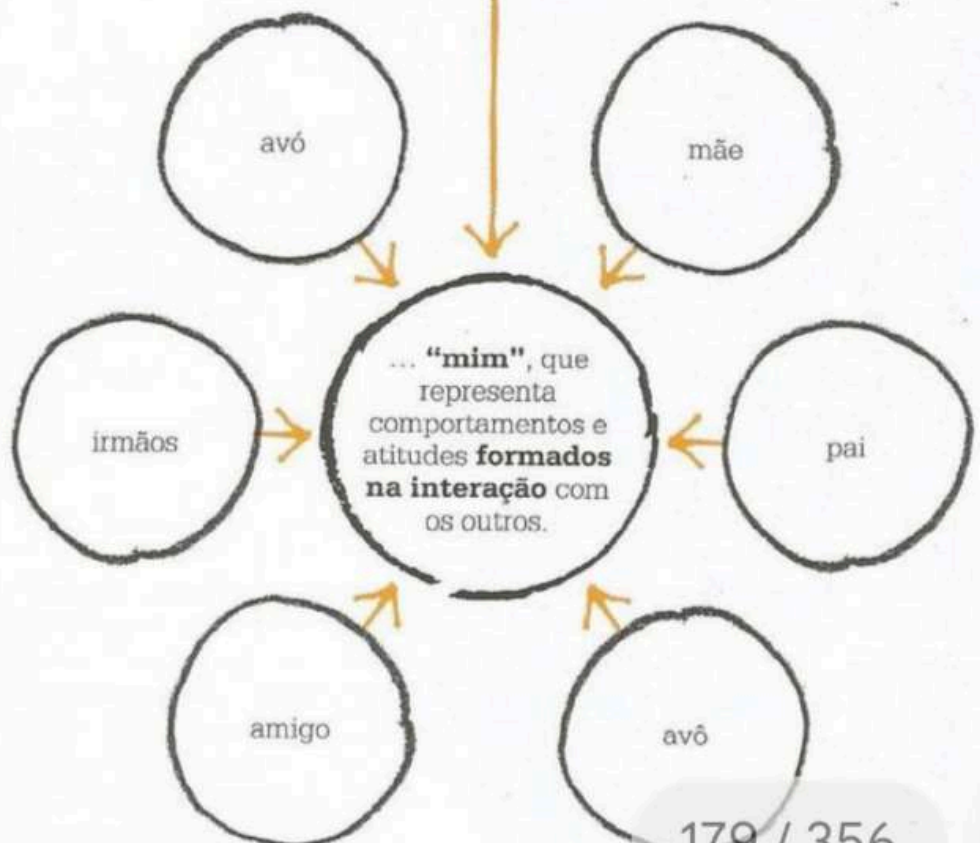
1921 Em *The Language of Gestures*, o filósofo alemão Wilhelm Wundt diz que a mente é inerentemente social.

1975 O antropólogo americano Clifford Geertz alega que o "eu" é um "todo distinto e constituído em contraste com outros todos".

Década de 1980 A psicóloga social americana de origem britânica Hazel Rose Markus sugere que todos formamos um esquema que funciona como um autossistema com base em nossas experiências sociais anteriores.

1990 O psicólogo americano Daniel Siegel sugere que o desenvolvimento do eu social acontece simultaneamente ao desenvolvimento da função cerebral.

Para ter um senso de nós mesmos, o "eu" reflete em...



Veja também: W. E. B. Du Bois 68-73 • Edward Said 80-81 • Norbert Elias 180-181 • Erving Goffman 190-195 • Stuart Hall 200-201 • Benedict Anderson 202-203 • Howard S. Becker 280-285 • Adrienne Rich 304-309 • Jeffrey Weeks 324-325

George Herbert Mead foi psicólogo social e filósofo, tendo buscado em ambas as disciplinas a solução exata daquilo que queremos dizer quando falamos a respeito do "self". Os filósofos e sociólogos tradicionais viam a sociedade como algo que brotava de pessoas individuais autônomas que se juntavam, mas Mead dizia o oposto disso: as pessoas emergem das interações sociais. Elas são formadas dentro da sociedade.

Esse conceito é o que prevalece hoje na psicologia e na psicoterapia, mas, quando Mead apresentou sua ideia pela primeira vez em 1913 no *The Social Self*, ela era um ponto de vista revolucionário. Mead discordava da ideia de que o nosso "eu" individual, capaz de ter experiências, existisse de forma reconhecível antes de ser uma parte do processo social. O processo social de experiência e comportamento é "logicamente anterior aos indivíduos, e suas experiências individuais é que estão envolvidas nele".

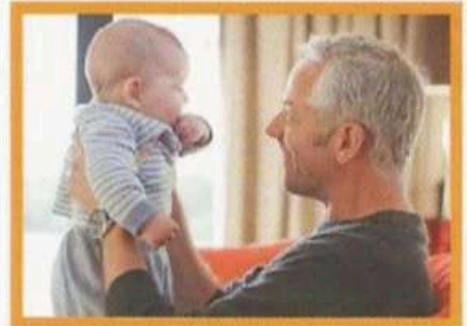
Com isso, Mead sugere que a consciência individual, com todas as suas intenções, desejos etc., é formada

num contexto de relações sociais, numa ou mais línguas específicas e num conjunto de normas culturais. Desde o nascimento, os bebês começam a experimentar a comunicação através de gestos, que funcionam como símbolos e constroem um "universo de discurso". Com o passar do tempo, eles aprendem a copiar e "importar" as práticas, gestos e, por fim, palavras daqueles ao seu redor, de modo que consigam dar suas próprias respostas e receber gestos e palavras adicionais dos outros.

Quem somos

O padrão de atitudes que o bebê experimenta e internaliza (aprende) cria o senso do "mim". Dessa forma, esse "mim" representa os comportamentos, expectativas e atitudes aprendidos através de nossa interação com os outros.

Mas Mead diz que também temos outro senso de nós mesmos, que ele chama de "eu". Tanto o "eu" quanto o "mim" são diferentes funções do self. O "eu", assim como o "mim", segue evoluindo, porém sua



Nossa imagem de nós mesmos é desenvolvida a partir do nascimento através das interações com os outros. Os indivíduos não são produto da biologia, mas dessa interação.

função é refletir o "mim", mantendo um quadro mais amplo: o "mim" age de forma habitual, enquanto o "eu" pode refletir sobre isso e fazer escolhas autoconscientes. Isso nos permite ser diferentes tanto em relação às outras pessoas quanto ao nosso ser anterior, através da reflexão sobre nossas ações.

A teoria do desenvolvimento do self de Mead foi crucial ao afastar a psicologia e a sociologia da ideia do "self" como sendo uma mera introspecção interna, alinhando-o firmemente com o contexto social. ■

“

A mente jamais poderia encontrar expressão e jamais poderia sequer ter vindo à existência, exceto em termos de ambiente social.

G. H. Mead

”

G. H. Mead

George Herbert Mead nasceu em Massachusetts, EUA. Seu pai foi pastor na Igreja Congregacional e mudou com a família para Oberlin, Ohio, para lecionar no seminário local, quando Mead tinha seis anos. Depois de se formar no Oberlin College em 1883, Mead trabalhou alguns anos como professor, passando a ser inspetor de ferrovias antes de voltar à academia. Começou seus estudos de filosofia e sociologia na Universidade

Harvard, em 1887, e sete anos depois se mudou para a Universidade de Chicago, onde trabalhou até sua morte, em 1931. Alegava ter um "espírito ativista" e participou dos protestos pelo sufrágio feminino e por outras causas. O filósofo John Dewey reconheceu que Mead tinha "um intelecto de primeira ordem".

Principais obras

1913 *The Social Self*
1932 *The Philosophy of the Present*
1934 *Mind, Self and Society*